

# DICCO SPECIAL

N.º 24 — 23 DE DEZEMBRO



1  
ESC.

**O Pai Natal: —  
Sempre ha crian-  
ças muito exigen-  
tes!...**

# O último combate de luta livre para a disputa do Cinturão de Vidro Sintético

Por ROUSSADO PINTO

## AVISO

Aos Ex.<sup>mos</sup> Chefes de Família que na noite de Natal queiram dar um espectáculo em casa, Riso Mundial oferece esta reportagem radiofônica, para ser interpretada da seguinte maneira:

**Locutor:** — Ex.<sup>mo</sup> Chefe de Família.

**1.º lutador:** — A Sogra do Ex.<sup>mo</sup> Chefe de Família.

**2.º lutador:** — A Sogra da mulher do Ex.<sup>mo</sup> Chefe de Família.

**Arbitro:** — A sopeira.

**Público:** — Os credores.

**Locutor:** — Vamos assistir ao final do torneio de luta livre para o apuramento do vencedor do «Cinturão de Vidro Sintético» — Bolsa ao vencedor. A polícia que forma público á parte, como os meninos no coro, ocupa a parte lateral esquerda do ring. Há quem abra a boca e quem encolha as pernas. Todos estão impacientes. (A multidão gesticula de ansiedade — ruídos fortes.)

Finalmente entram no ring os já célebres Salero de 200 quilos e 50 gramas de beijo e José Shelin de 180 quilos, 500 gramas de barriga e 5 metros de cabelo. Ambos campeões, teem dado o corpinho ao manifesto em diversas pugnas desportivas em prole da... «massa» que vai escorregando. Os minutos aproximam-se. (ruído forte de multidão).

Tira cinco, tira quatro, tira três, tira dois, tira um — onze horas em ponto! (soa o gong).

Os lutadores aproximam-se. Sorriem-se como donzelas num noivado e beijam-se na testa. A multidão chora comovida. Apertam as mãos. Os ossos rangem, e... ambos saltam para o lado, olhando-se rancorosamente! O público está suspenso pelos cabelos das pernas. Abraçam-se os lutadores. Com um golpe violento Salero derruba Shelin. Senta-se-lhe em cima do estômago e começa a pensar na vida. O público levanta-se indignado.

(ruído de multidão: U... um... uuuu!)

Sacudindo os rins como um saco de batatas, Shelin despega-se de Salero e aplica-lhe uma grandecíssima lambada na angelical face. Salero treme e vai mergulhar. Mas Shelin habilmente desvia-se, obrigando o adversário a es-

tender-se ao comprido no cimento, fora do campo da luta. (ruído de multidão).

O público vibra de entusiasmo. Salero levanta-se e vai-se chegando para o ring. O beijo sai-lhe da cara quase um metro. O que irá acontecer?

(O árbitro a contar).

De novo se encontram frente a frente os dois lutadores! Shelin chama nomes a Salero para o irritar. Aproximemos o microfone para ouvir melhor...

**Voz:** — Sacó de cebolas!... Barriga de bofe!... Cara de castanholas!... Beijo de borrego!...

**Locutor:** — Salero não pode mais! Esgota-se a paciência? Avança, respirando com o ruído de uma locomotiva! As cordas do ring tocam a valsa da «Meia-Noite». O público mastiga pastilhas elásticas e não podem conter o nervosismo dá murros e pontapés nos parceiros da frente! Salero agarra o árbitro, que não passa dum fio de azeite, e vai atirá-lo para o...

(soa o gong).

Para felicidade deste e para infelicidade de todos os outros, perdeu-se um dos melhores momentos deste combate. O árbitro escondeu-se dentro dos nossos microfones.

— Durante este pequeno intervalo, vamos ouvir os lutadores:

— Quer dizer algumas palavras aos nossos ouvintes, amigo Salero?

**Salero:** — Posso dizerle! Le espero hacer un guisado de mio adversário para comemorar este dia y miña vitória!

**Locutor:** — Obrigado, Salero. E agora vamos ouvir o nosso compatriota José Shelin:

**Shelin:** — É meu desejo nobre, e patriótico defender até às raízes do meu cadáver o «Cinturão de Vidro Sintético» nem que me veja obrigado a fazer picadinho daquela espanhola beijuda!

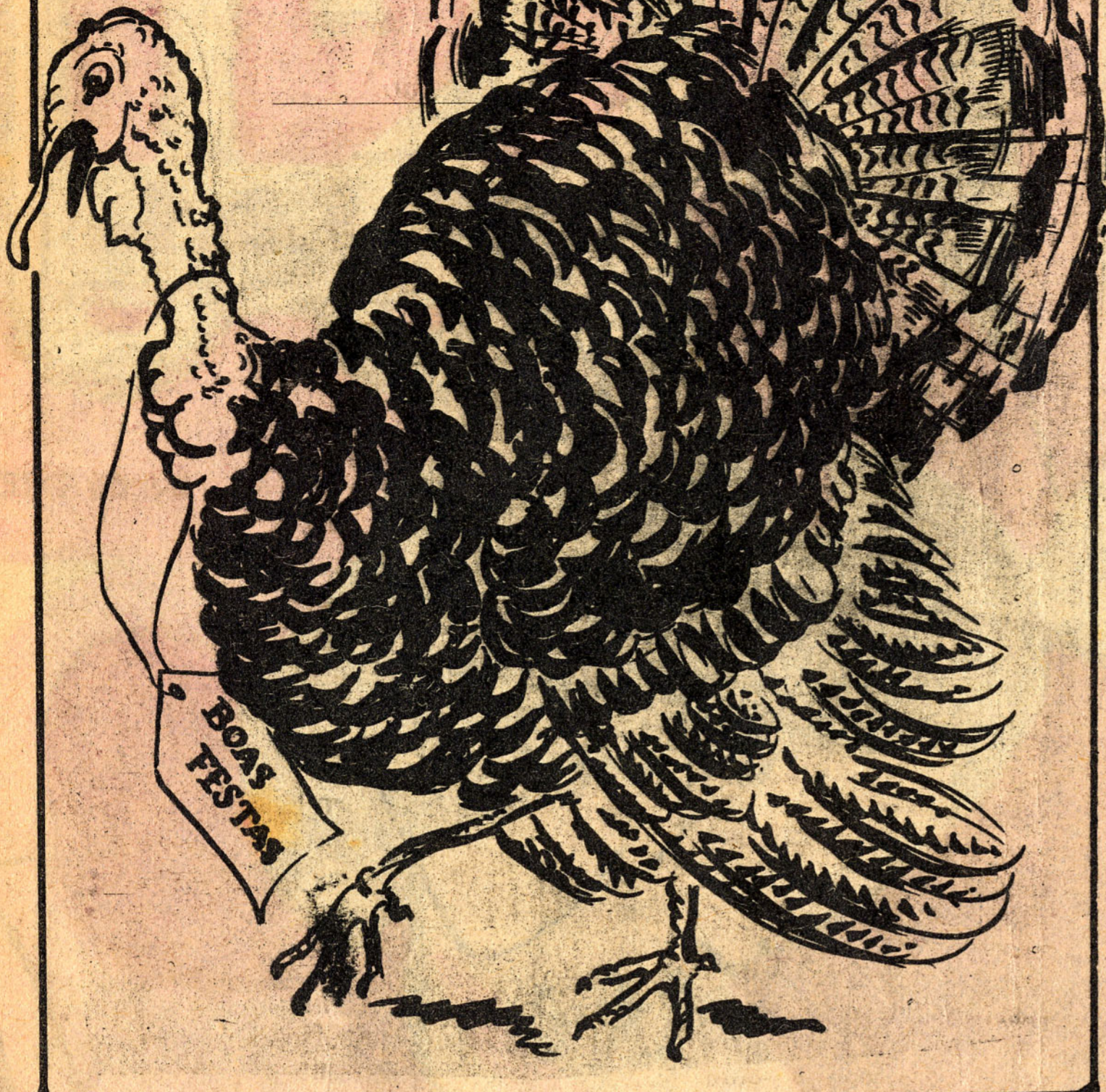
(Soa o gong).

**Locutor:** — Eis de novo as duas feras frente a frente. Shelin aproveitando os costados do Espanhol salta-lhe em cima e bate-lhe na cabeça a mãos fechadas.

(O público assobia).

Salero atira-se ao chão arrastando Shelin. Num golpe de canetas o espanhol prende o português e deixa-o imobi-

(Continua na pág. 11)



## • D O I D I C E S •

— Eh, homem, onde vais com essa cara de funeral?

— Deixa-me cá... A minha vontade!

— Mas, o que aconteceu, desabafa para aí!

— Deixa-me cá. Se não fosse cá por coisas!

— Mas, diabo!... o que tens tu hoje?

— Calcula tu que tenho 30 anos de casa!

— E depois o que tem isso?

— E tenho uma mulher, uma sogra e 17 filhos!

— Está bem, e só agora é que destes por isso?

— Deixa-me lá falar se queres ouvir!... Os tempos vão maus, não é assim? Agora é a altura do Natal e sempre há que fazer umas despesasitas, não é verdade?... Homem, fala!

— Não me mandaste estar calado?

— Tens razão, eu estou com-

pletamente doido!... Em todas as casas, ou quase em todas, é costume dar-se uma gratificação nesta quadra do ano! Calcula tu que fui ao gabinete do meu patrão...

— Não me digas que mataste o homem!

— Bem, ou falas tu ou falo eu!... Fui ao gabinete, estás a ouvir? Entrei e muito respeitosamente... Mas estás a ouvir, ou não?

— Irra!... Estou a ouvir, pois claro!

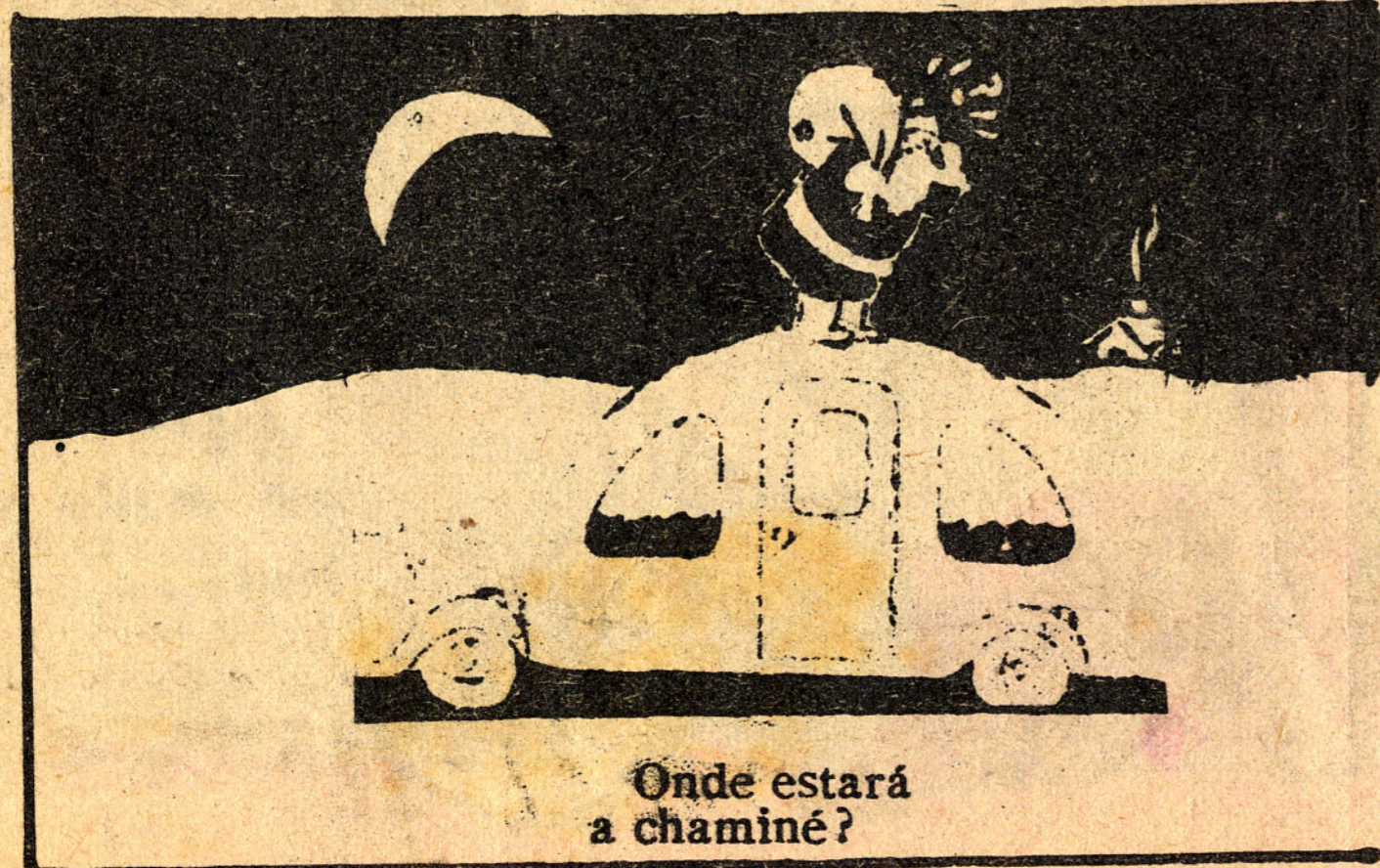
— Bem, então cala-te e deixa-me falar!... Muito respeitosamente dei-lhe as «Boas Festas», e... e pedi-lhe as broas!...

— Sabes o que ele me deu?

— Não!

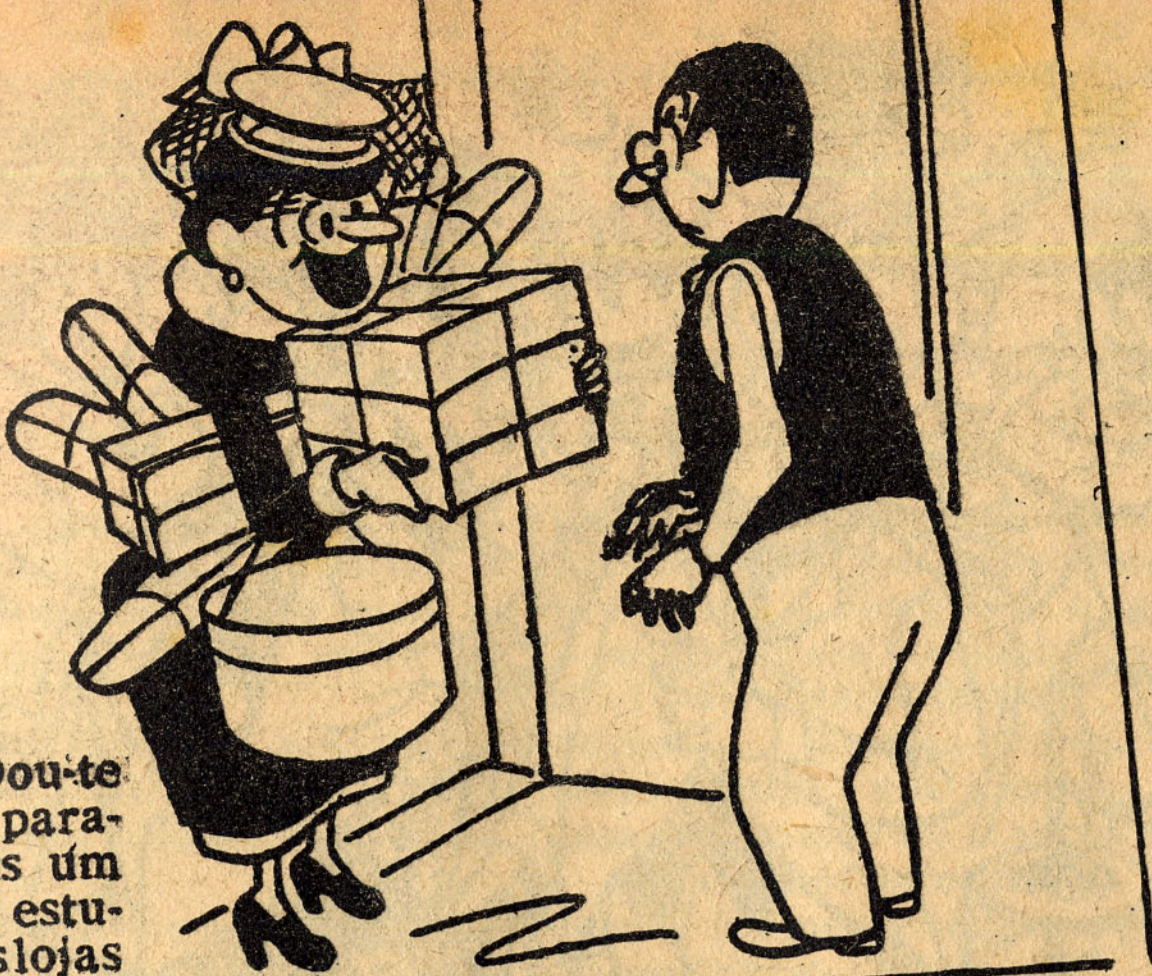
— Meia dúzia de broas de milho!... Vê lá se isto não é para matar uma pessoa!

DON TARA

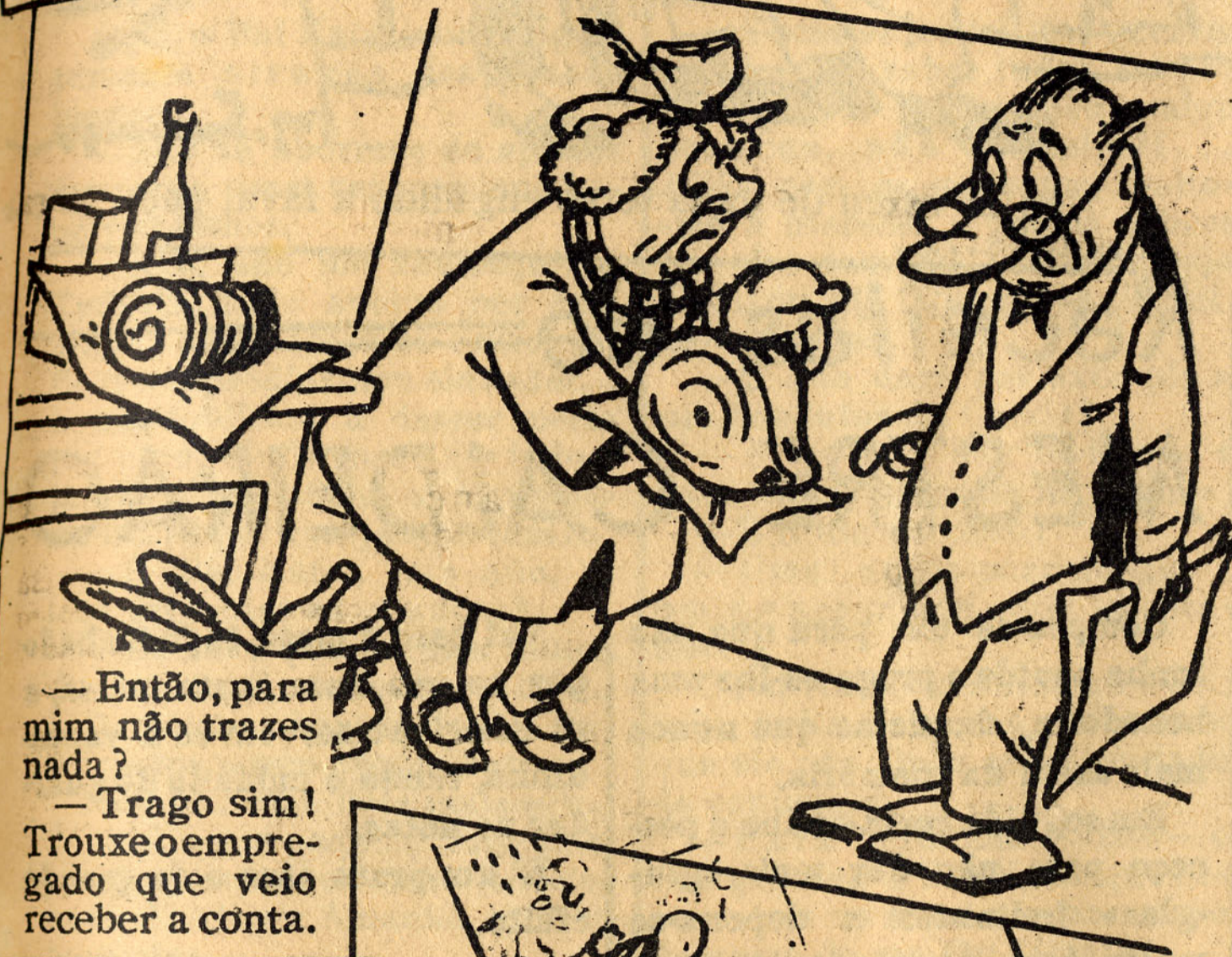


Onde estará a chaminé?

## UM CASO DIFÍCIL...

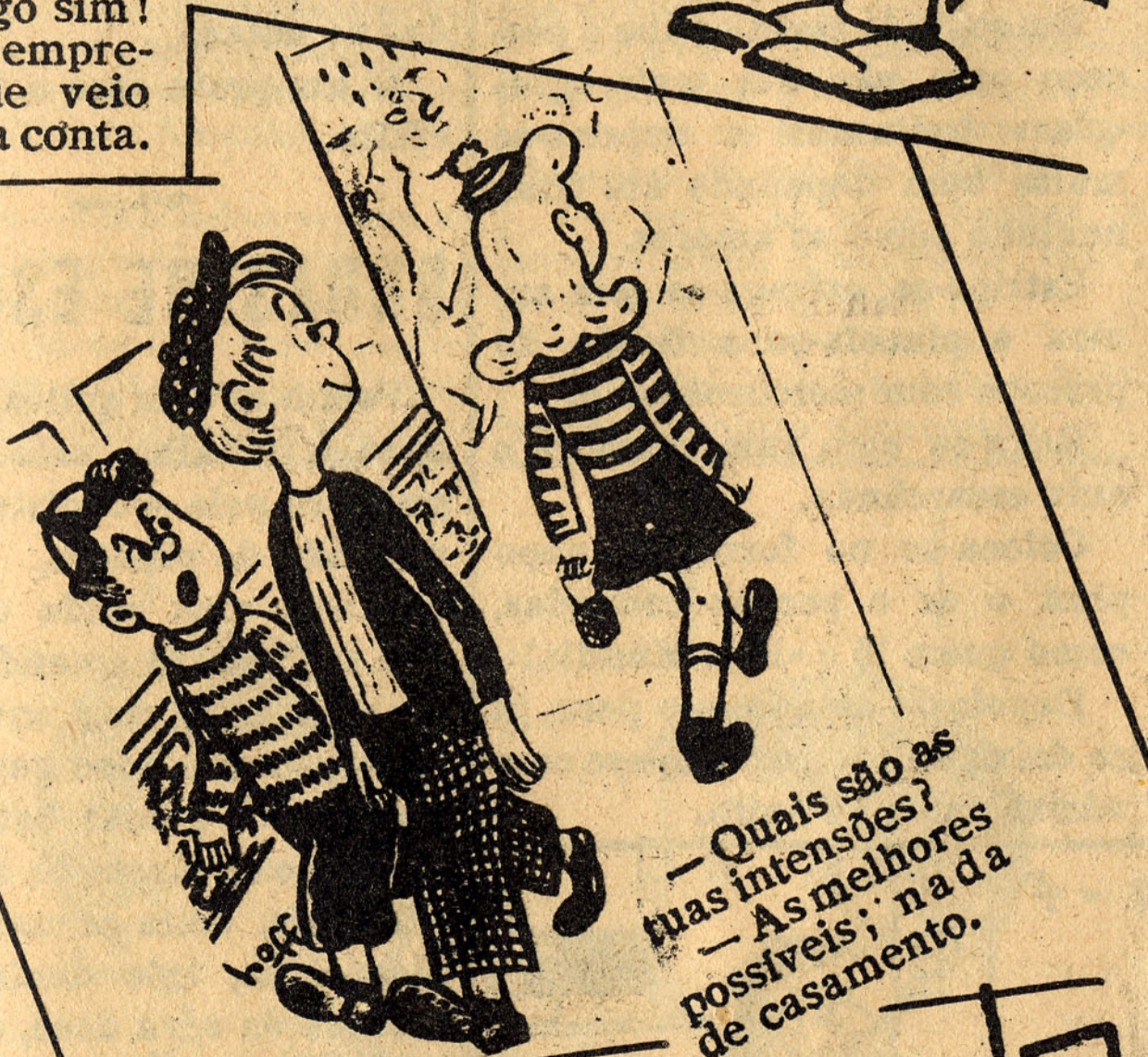


Ela — Dou-te os meus parabéns, tens um crédito estu-pendo nas lojas da cidade.

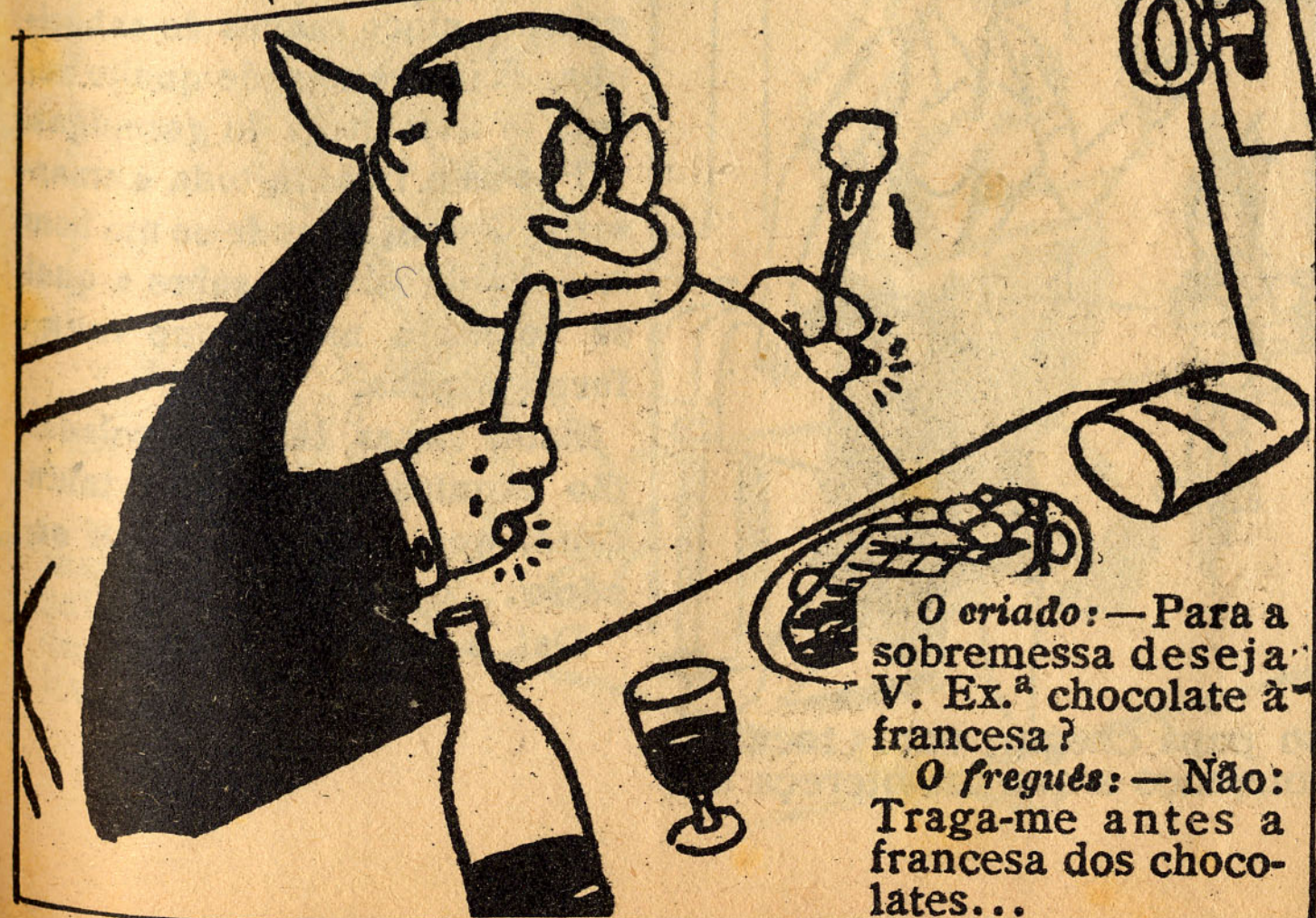


— Então, para mim não traz nada?

— Trago sim! Trouxe o empregado que veio receber a conta.



— Quais são as tuas intenções?  
— As melhores possíveis; na data de casamento.



O criado: — Para a sobremesa deseja V. Ex.<sup>a</sup> chocolate à francesa?

O freguês: — Não: Traga-me antes a francesa dos chocolates...

Ternas e amorosas palavras ecoaram pelos corredores da casa, acompanhadas de ligeiros silvos de suspiros profundos que corriam com a delicadeza da fragrância dum perfume que se espalha...

Na sala de estar, a tradicional sogra, tinha sobressaltos ao ouvir aquelas notas soltas e regulares que lhe arranhavam os tímpanos sensíveis com a insistência de cócegas impertinentes e continuas.

Em decúbito, no tálamo nupcial, indiferentes à insofrida paciência da mamã, acompanhando as palavras com o arfar inquieto e vibrante do peito dela, ele curva-se mais e continua mansamente o diálogo interrompido pela materialização dos seus pensamentos amorosos, dos quais nós viemos surpreender a inconfundível música.

— Oh, como vamos ser felizes quando o nosso filhinho vier e nos unir no mesmo abraço, na sua candura de criança...

— Já não está longe a hora, querido; consola-te que o nosso sonho em breve terá realidade...

— Se soubesses como anseio e como temo essa hora...

Se tu morresses...

— Não podia estrear o meu novo casaco de peles... Que pena!... Não lumbres essas coisas que me incomodam...

— Pois não querida, mas acredita que a minha angústia e o medo de perder-te são uma dor moral que pode bem ser maior que a dor física...

— Carlos... Carlos... chama a mamã:...

— O quê, estás incomodada?... Fez-te mal o que eu te disse?...

Com efeito a jovem empalidecera um pouco, e desfazendo lentamente aquele corpo a corpo cupidinoso teve umas leves contorções.

— Anda... chama a mamã... e... vai chamar o médico...

O estremoso marido sentiu que o chão lhe fugia debaixo dos pés. As grandes comoções por vezes transtornam as funções normais e o homem mais forte sente as pernas vergarem-se.

Entalado no sobretudo que tentava vestir na precipitação, deu entrada na sala.

— Mamã... chegou a hora... vá para o pé dela... Dilia... telefona à enfermeira... a tua irmã...

— O seu idiota, vá chamar o médico, avie-se — retorquiu-lhe a sogra de má catadura, e descarregando a bilis empurrou-o pela escada abaixo.

O nosso homem estava realmente abalado.

Na rua, o espectáculo dum homem a correr em pantufas, casaco de pijama e cara de quem foi apanhado com a boca na botija, causou certa sensação a quem de maneira alguma podia adivinhar o drama...

Mas ele, indiferente ao sucesso

da sua aparição, depressa alcançou a casa do médico.

— Doutor... doutor... venha depressa... a minha mulher...

E agarrava freneticamente o clinico tentando arrastá-lo consigo.

— O homem, deixe-me pegar na maleta dos instrumentos, que já vou.

Mas ela, doutor... ela não pode esperar...

E mal o fisico sobressou a maleta, o inquieto e zeloso esposo arrastou-o em corrida pelas ruas adormecidas do burgo, mal grado os protestos do médico que temia o ridículo da situação.

Enfim. Chegaram ao lar alvo-raçado do cliente, e o médico arquejante foi imediatamente introduzido no quarto da paciente.

Uma enfermeira com cara de poucos amigos e olhos piscos esperava-os, não procurando ocultar no semblante o quanto lhe desagradara ter de abandonar o leito àquela hora.

Fez-se silêncio. Na sala de estar apenas ficou a criada esperando ordens e o patrão que nervosamente percorria a sala a largos passos.

No quarto ouviam-se arrastar cadeiras, e passos abafados pela espessura da madeira da porta, bem como frases curtas em pequena quantidade.

A tensão nervosa do futuro pai ia crescendo...

A enfermeira abriu a porta, entrou na cozinha, e voltou com uma panela fumegante, entrando novamente no quarto.

Estabeleceu-se silêncio na casa...

Tinham já passado cinco minutos.

Mais umas voltas...

10 minutos... o fiel marido começava a inquietar-se...

Nisto a voz roufenha da enfermeira fez-se ouvir à porta:

— O senhor não tem aí um formão?...

— Um formão... tenho... tenho...

Pouco depois voltava com o instrumento pedido, ainda que perplexo.

Mais cinco minutos... de dentro do quarto não vinha ninguém... nem se ouvia nada...

O pobre homem começou a ter palpitações.

— O senhor não tem aí uma torquês?...

Era a voz do médico que apreciava entre a porta aberta sem casaco e de mangas arregaçadas.

— Uma torquês... talvez... sim... arranjo já...

E na maior agitação entregou ao médico o estranho instrumento cirúrgico, sentindo que um inexplicável nó na garganta o não deixava falar.

Mais 10 minutos de atroz expectativa. Pelo pensamento do aflito marido passaram cenas de

(Continua na pág. 11)

# O SENHOR JUSTO E A EXACTIDÃO

— Aqui está o meu bilhete — disse o senhor Justo ao arrumador. — Onde me devo sentar?

— Faz obséquio, cavalheiro. É aqui mesmo. Terceira fila, número seis.

O senhor Justo mirou as filas anteriores e dirigiu-se ao empregado:

— Leu bem o que indica o meu bilhete?

— Sim, senhor! Terceira fila, número seis — insistiu ele.

— Sendo assim como pretende que me sente na quarta fila, número três? Veja: Uma, duas, três e quatro, que expressado em forma ordinal equivale a primeira, segunda, terceira e quarta fila.

Um sujeito e uma senhora demasiado gorda esperava que o arrumador lhe indicasse os seus lugares.

— Tenha em conta, senhor, que as filas dianteiras são de orquestra.

— Que é isso de filas de orquestra? Sentam-se ali os músicos, porventura?!

Nas cadeiras de orquestra haviam três senhores e a eles se dirigiu o senhor Justo.

— Cavalheiro: toca o senhor saxofone, píforo ou trombone? E as senhoras, tocam harpa, violino ou castanholas?

Uma senhora baixita com a sua filha vestida cor de salmão, une-se ao sujeito e à senhora gorda, que esperam.

— Então, que cadeiras de orquestra são estas? Reclamo o meu direito! Devo sentar-me no meu lugar respectivo!

Pelo teatro começa a levantar-se um murmúrio. Aos que esperavam para que lhes indicassem o lugar juntam-se mais uma dama com duas crianças e um jovem de bigode.

As luzes acendem-se e o director da orquestra empunhou a sua batuta. O arrumador disse:

— Rogo que se ponha de acordo, cavalheiro. Vai começar o espectáculo e eu serei severamente castigado.

— Ah, ainda por cima sou eu que me hei-de pôr de acordol

— Veja o lugar: Terceira fila.

— Lugar errado! Indicação falsa!

O director da orquestra não se atrevia a começar. Olhos que chispam ódio caem em cima do senhor Justo. O rumor do público cresce.

— Inexactidão clara e manifesta! — repetia ele.

— Cavalheiro: suplico-lhe que...

— Logo, se esta fila é a terceira, a anterior será a segunda, não é isso?

— É certo, mas...

O murmúrio do público vai subindo cada vez mais ameaçador. Trinta e duas pessoas, de pé, esperam que o arrumador

lhes indique onde se devem sentar.

— Cavalheiro, tenha a bondade. O senhor está jogando com o pão de meus filhos.

— A minha demonstração visa o seu fim. Vejamos a palavra «primeiro». Primeiro, diz-se da pessoa ou coisa que precede as outras. Diz o caso que o primeiro é o que segue, em ordem, à orquestra? Reclamo, pois, o meu direito!

Do palco dezenas de caras maquilhadas procuram com curiosidade o protagonista do que ocorre na sala. A atitude dos espectadores é intensamente hostil.

Um empregado acerca-se do arrumador e diz-lhe qualquer coisa em voz baixa. O arrumador, pálido e nervoso, segue-o.

O senhor Justo, com o seu bilhete na mão espera mirando os espectadores.

Três minutos depois o arrumador regressava. Vinha sorridente, satisfeito.

— Cavalheiro — disse, — a Empresa está de acordo em reconhecer o seu direito a ocupar o lugar que deseja. A Empresa suplica-lhe que se sente, porque o espectáculo vai começar.

O senhor Justo consultou um cronómetro certo com a hora do meridiano de Greenwich.

— Como! As vinte e umas horas e vinte minutos, quando o espectáculo está anunciado para as vinte horas e trinta! Não serei eu que coopera com uma Empresa que tem por norma a inexactitude!

Cruzou dignamente a sala e foi-se apresentar na bilheteira para exigir a devolução do seu dinheiro.

## CERO

(tradução e adaptação da «CODORNIZ» por YG SOY YO)



Não te valeu de nada teres engulido a fava, pois ela era purgativa...

## Receitas de MESTRE CALDEIRÃO

Compra-se um peru que não tenha pevide e prega-se-lhe uma bebedeira, daquelas que nunca mais saem da memória.

Em seguida corta-se-lhe o pescoço para não dar mais «gluglus» irritantes e depena-se muito bem depenado até ficar nuzinho como os amores.

Estripa-se, esfrega-se com arnica e pincela-se a ferida do pescoço com mercurocromo.

Rega-se com rum, genebra e aniz escarchado.

Coloca-se no forno, de papo para o ar e pernas cruzadas, como quem lê o «Riso Mundial».

Depois de assado — o peru, já se deixa ver — guarnece-se com várias notas de quilo.

Vai para a mesa, todo inchado por se ver com tanta massa, e os convivas servem-se à vontade, tendo o cuidado de guardar as notas.

E' um prato caro e de grande efeito.

## BROAS DE ESPÉCIE

Pelam-se dois quilos de amendoas — trabalho, pelo qual ninguém se pela — e mistura-se um punhado de pinhões,

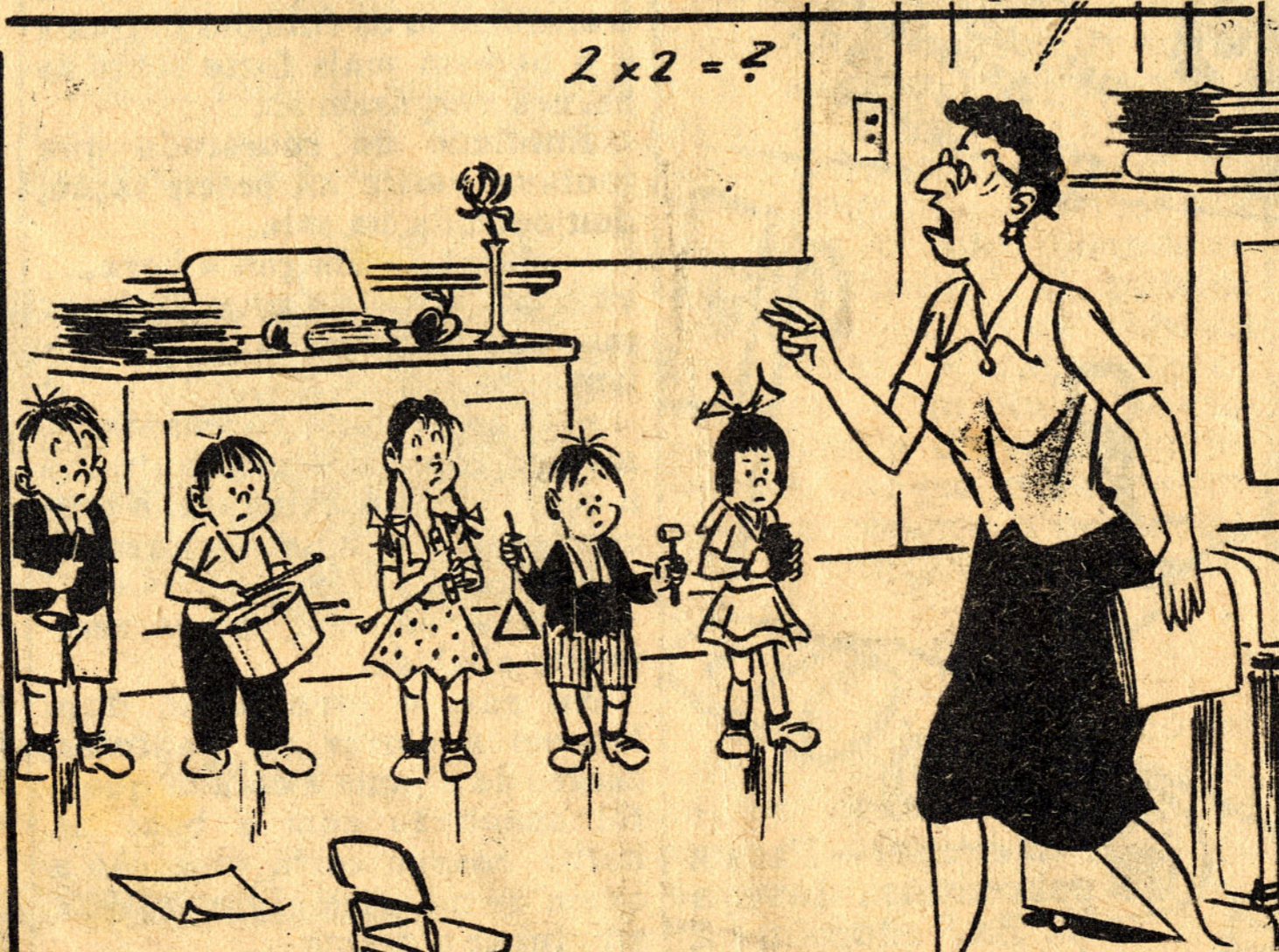
Faz-se uma calda de açúcar que se junta às amendoas e aos pinhões (não aos encontrões). Adicionam-se doze gemas e seis claras. As gemas batem-se às claras; e as claras às escuras.

Depois, deita-se um quilo de alcaparras, três dúzias de sementes de erva doce, duas chavenas de café com leite (tipo garoto), cinco cravos de cabeçinha, 250 gramas de queijo ralado e dois litros de geropigas.

Põe-se a família toda a amassar e, depois, estende-se um bom bocado de obreia, sobre a qual se coloca a massa que vai ao forno e incha.

Estas brças têm um paladar tão esquisito, sabem a tanta coisa, que chegam a fazer espécie...

Dai, e nome.



Ja sabem, quando o vosso papá chegar, vocês tocam o que lhes ensinei a vêr se o convenço a que me ofereça um casaco de peles!

# ALGUNS MINUTOS COM O PAI NATAL

— entrevista por SANTOS FERNANDO

Fomos dar com o Pai Natal muito aborrecido, a cofiar a barba e tamborilando com os dedos numa grande caixa de presentes.

Dissemos-lhe que eramos do «Riso» — do «RISO MUNDIAL» e logo a sua fisionomia se alterou.

— Conheço, conheço muito bem! Sai às terças e tem, assim umas capas... com... com umas...

Aqui, o Pai Natal, corou ligeiramente através das barbas brancas.

— Não se aborrece de apenas aparecer uma vez por ano? — perguntamos.

— Não, não me aborreço!... Todavia, tudo evolue por este mundo fora, desde as estilograficas aos prédios com elevador... e eu continuo a descer pelas chaminés. Enfarrusco-me todo e já não é a primeira vez que enfiou um pé por uma janela dentro!

— O Pai Natal, este ano, só leva presentes às crianças?

— Eu levo presentes a todos! Aos meninos, aos senhores e às...

De novo as barbas do Pai Natal se tornaram vermelhas.

Para dar uma nota mais agradável à nossa pequena conversa, perguntamos-lhe como tencionava distribuir, amanhã, os seus presentes.

— Olhe, — respondeu — para as crianças e para as sopeiras qualquer coisa está bem. As crianças dá-se-lhe uma espingarda, um avião ou uma bola. Quanto às sopeiras com um sim-

ples balão já se contentam. Os presentes variam consoante as profissões, a categoria, o sexo e o estado! Para as senhoras sou mais condescendente... Fraquezas!... A essas ofereço-lhes umas meias, um chapéu, um casaco de peles ou mesmo...

— Claro, nós percebemos. É escusado inumerar todas as peças do vestuário.

O Pai Natal respirou fundo e disse:

— Vocês os jornalistas querem geralmente saber tudo!, foi por isso que... Mas o meu amigo percebeu, não é assim?!... Aliás, com as senhoras, limite-me a oferecer o que os pobres maridos também oferecem seja Natal ou não! Quanto às classes, isso depende.

— O que dará por exemplo a um condutor da Carris?

— A esse não dou nada que é para ver se ele anda na «linha»!

— E a um carteiro?

— Umhas andas para chegar a um 5.º andar sem subir as escadas!

O Pai Natal levantou-se e deu uma volta pela casa. Observei que ele não tinha mais vontade de conversar.

— Para terminar — disse — o que gostava o Pai Natal que lhe pusessem no sapato se por acaso deixasse de ser Pai Natal?

De novo as suas barbas se incendiaram. Chegou-se mais para mim e gaguejou:

— A Dorothy Lamour!

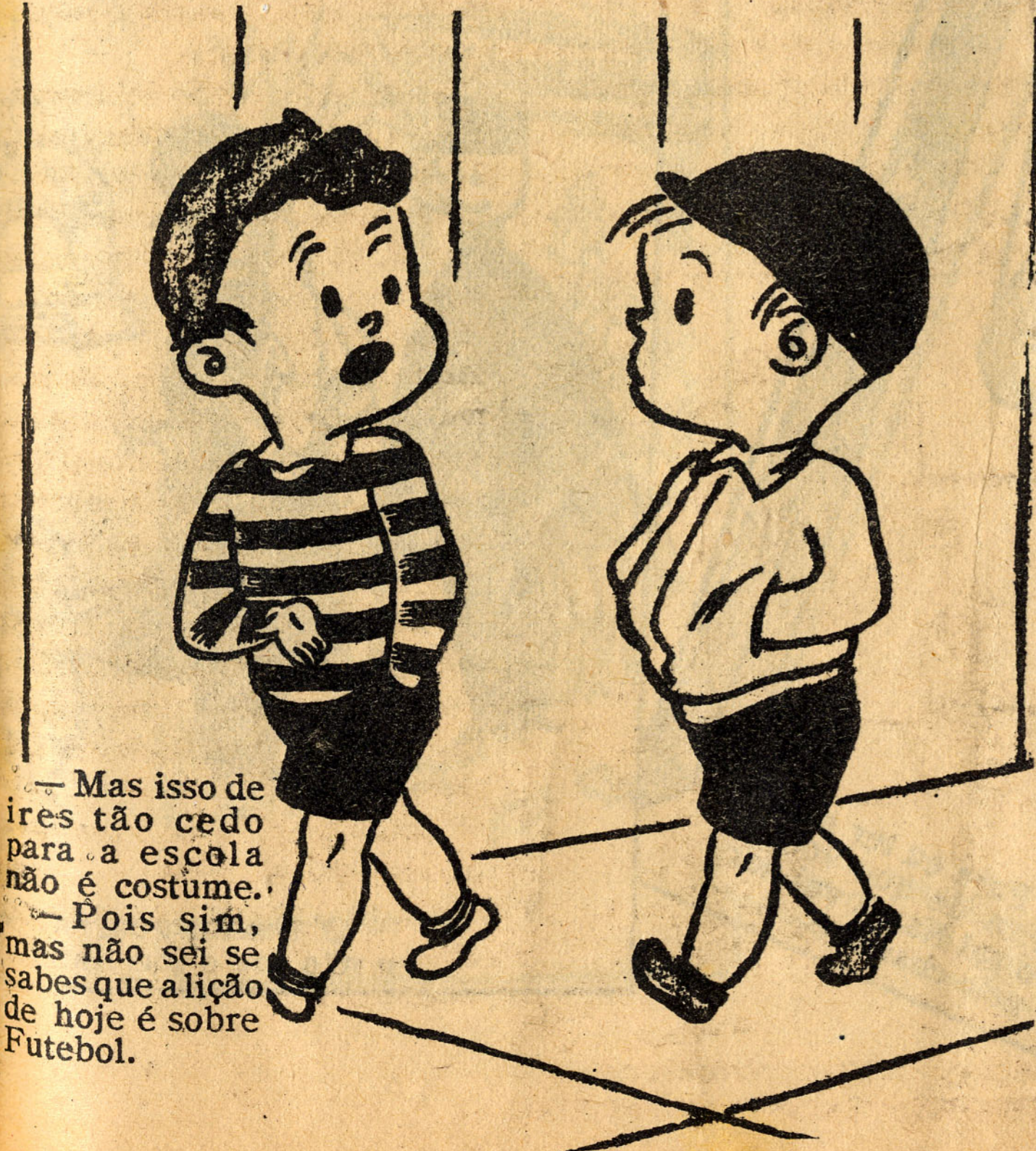
E o Pai Natal suspirou, retirando-se muito aborrecido.



Olá papá! Vai a algum baile de máscaras?



Não sejas parvo, tira essa máscara! Esse disfarce não dá nada! Faste-te à quadra...



— Mas isso de ir tão cedo para a escola não é costume. — Pois sim, mas não sei se sabes que a lição de hoje é sobre Futebol.

## CONFISSÕES VITAMINADAS

(3.ª edição a pedido dos leitores que não leram as duas últimas)

Em Nova York, há um prédio tão alto, tão alto, tão alto... que o último andar é sempre o penúltimo...

A minha amiga Constança Figadals tem um passaro tão moderno, tão moderno, tão moderno... que em lugar de usar penas, usa «parkers» 51.

Coitado da Silva Cunha! Ele é um indivíduo tão orfão, tão orfão, tão orfão... que é filho duma tia!

Fui há tempos apresentado a um tal Serapião Pereira, dono duma afamada casa de penhores, e que tem um automóvel tão veloz, tão veloz, tão veloz... que, muitas vezes, chega a ter

de parar a meio do caminho, à espera da luz dos faróis.

Um dos meus vizinhos, o do 5.º andar, é uma pessoa tão magra, tão magra, tão magra... que um dia, estando a beber carapinhada, escorregou pela caninha dentro.

O Jerónimo Pereira Costado, digníssimo comerciante do nosso mercado negro, e falecido, felizmente, há poucos dias, tinha uma testa tão pequena, tão pequena, tão pequena... que, sempre que se penteava, metia os dentes do pente, por engano, nos olhos.

(O Autor continua encoberto... por causa de evitar alguma gripe).

Personagens:

Uma Boneca,  
Um Boneco,  
Pai Natal

### CENA ÚNICA

— Sala, com um pinheiro em tamanho quase natural e repleto de brinquedos e de luzes.

As portas e as janelas devem estar bem fechadas, para evitar correntes de ar e possíveis constipações.

DIA DE NATAL—Actualidade

Um Boneco — (Para «Uma Boneca», que se vê na mesma pernada, junto dum automóvel de corda). Parece-me que estou a conhece-la...

Uma Boneca — (Toda vaidosa). O' menino, o que tu queres é conversa!

Um Boneco — Eu seja cão, se não a vi já em qualquer parte!...

Uma Boneca — (Com desprezo). Pois eu nunca o vi mais gordo!

Um Boneco — Gordo eu?... Como ha-de um pobre boneco engordar, se não se ganha para a bucha?!... (Noutro tom). Mas onde a teria eu visto?...

Uma Boneca — (Disposta a dar treia). Se calhar, foi no Bairro Azul... Morei ali muito tempo...

Um Boneco — Ora, até que enfim!... Foi mesmo

no Bairro Azul!... Mas a menina não esteve também na Feira Popular?

Uma Boneca — Talvez...

Um Boneco — Parece-me que ali numa barraca de comes e bebes.

Uma Boneca — Cuidado!... Nada de publicidade de borla!... Farta de borlistas ando eu!...

Um Boneco — Como veio parar aqui?

Uma Boneca — Vim com

as outras! Coisas da vida... Já estou farta de estar aqui dependurada, armada em espantinho!...

Um Boneco — Cada qual para o que nasceu!...

Uma Boneca — O pior, é

se vou parar às mãos dalguma pinderica!...

Um Boneco — O mesmo digo eu!... Quando chega

Natal, é isto que se vê!...

O ano passado puseram-me num cinema...

Uma Boneca — Também a mim.

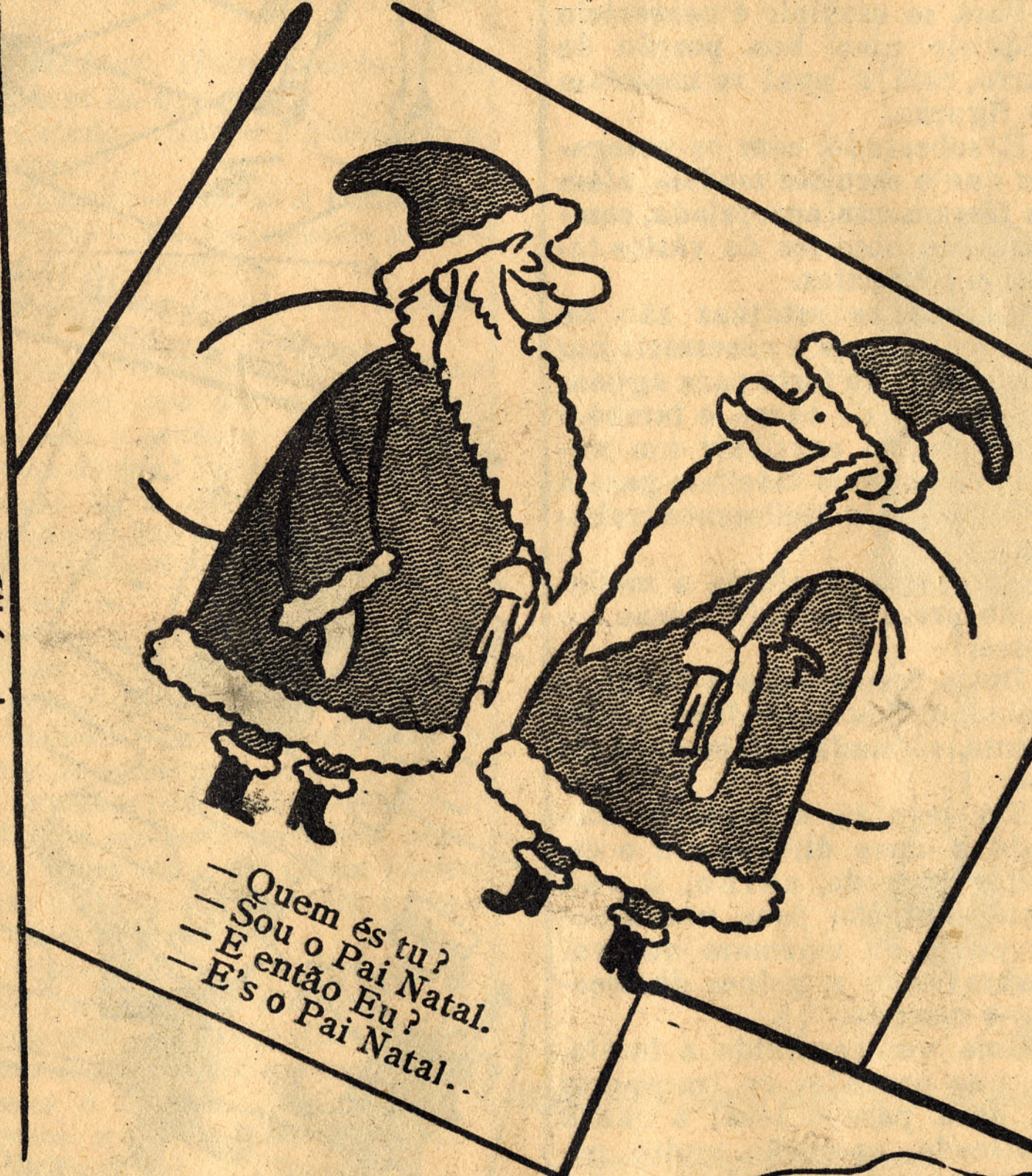
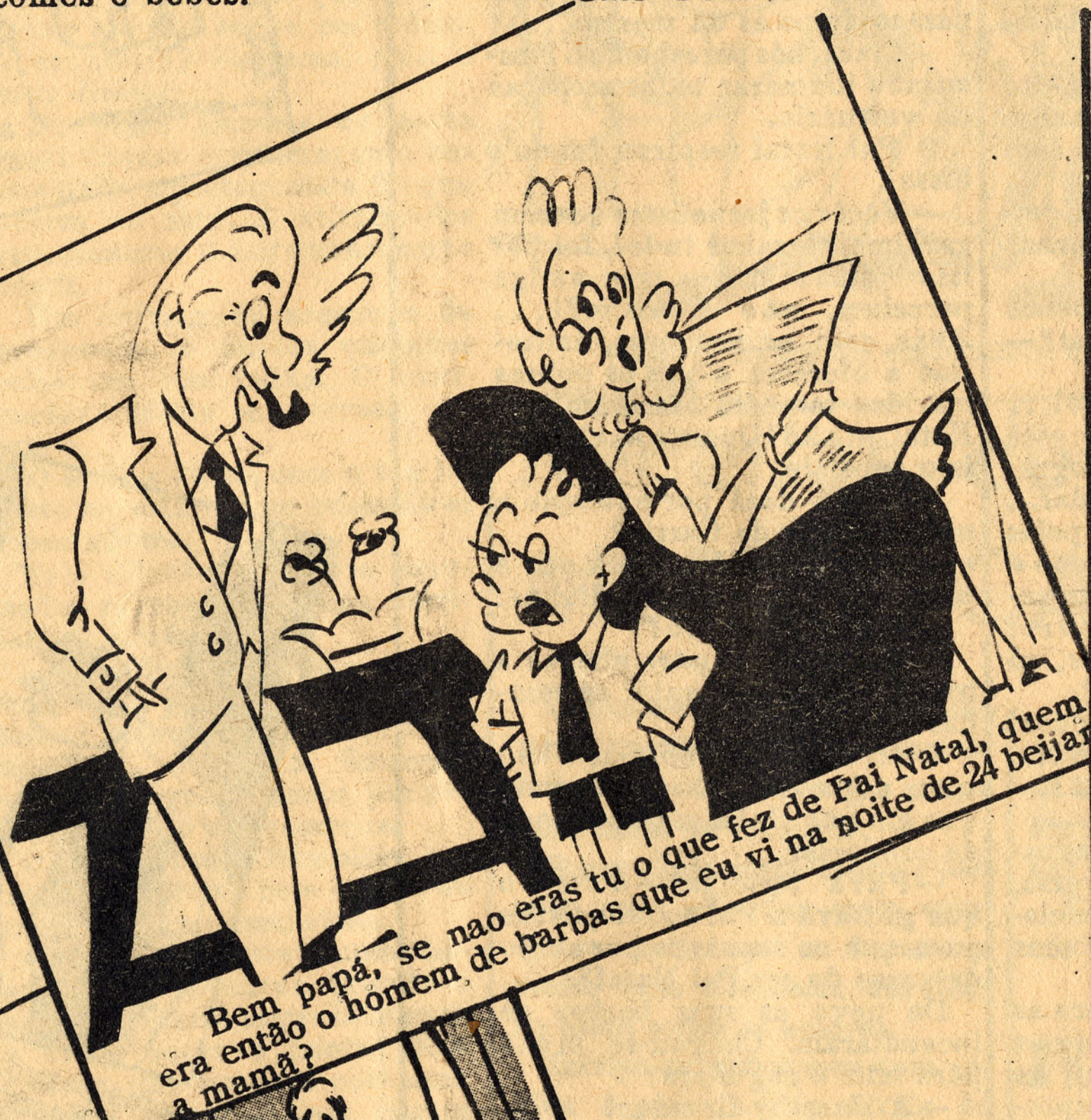
Um Boneco — Lindas fitas que eu vi!

Uma Boneca — (suspirando). Ai, ai!... Também eu as vi!... Ia perdendo a ca-

beça com «Um homem às direitas»!...

Um Boneco — E eu... com a «Madalena, zero comportamento»!...

Uma Boneca — Não me fale nessa descaradona!



Um Boneco — E as «Capas Negras» viu?  
Uma Boneca — Se vi!... Por sinal, estava tudo às escuras!... Bons tempos!...  
Um Boneco — Se a menina não se importasse...  
Uma Boneca — Levava-me ao cinema?  
Um Boneco — Sim! Levava-a a ver «Os três espelhos»...  
Uma Boneca — Dizem que é bestial!  
Um Boneco — E depois, levava-a...  
Uma Boneca — Levava aonde?...  
Um Boneco — Ao «Leão da Estrela»!  
Uma Boneca — (Toda derretida). Vamos!... Porque esperas?... Pega-me ao colo, compra-me uma «côroa» de rebuçados e levava-me ao cinema!...  
(Sussurro de vozes infantis entre bastidores),  
Pai Natal — O' camaradinhas! Deixem-se de fitas e respeitem as minhas barbas!  
Um Boneco — (Para o «Pai Natal»). O meu amigo está a falar p'ró boneco!...  
Uma Boneca — Raios partam as barbas de algodão! (Novo sussurro de vozes infantis).  
Pai Natal — Tenham juízo!... Olhem que veem aí crianças!...  
Corre a cortina e toca a música

José Descarado

# NÃO É PROIBIDO ESCULPIR

Embora predomine o nu nos trabalhos de escultura, não é proibido esculpir.

Isto parecerá, à primeira vista, um contracenno mas não é. Um nu de pedra não tem, é claro, o mesmo significado de um nu em carne e osso, excepto quando este é parado, porque, então, considera-se uma manifestação de beleza estética a exibição, à pai Adão, dos modelos.

No entanto, há estátuas que, se não fossem de pedra, fariam corar uma pessoa por mais despidida de preconceitos que ela se considerasse.

A escultura é uma das artes mais antigas. A atestar esta ascensão, basta visitar os museus, onde se encontram, mais ou menos mutilados, muitos exemplares raros, executados em eras recuadas, tão recuadas que chegam a perder de vista os marmarrachos de factura modernista que pejaram os edificios, os jardins e os monumentos a que se convencionou chamar comemorativos.

E que diferença entre um trabalho feito quinhentos anos antes da era cristã de outro executado nos nossos dias por certos elementos *inovadores*! Aquele mostra uma correcção de linhas de encantar ao passo que este é de um desequilíbrio de proporções que mais parece um manípão africano.

Não é novidade para ninguém que as esculturas modernistas deixam-nos perplexos, sem atinarmos com o sitio onde se encontra a cabeça da figura que, em muitos casos, chega a confundir-se com o resto do corpo.

Aquilo parece ser feito pelo mesmo processo do fabrico de cofres-monoblocos.

E as mãos? Autênticas santolas!

Nos pés, nem é bom falarmos. Se houvesse pés daqueles, pobres dos sapateiros que tivessem de lhes enfiar um par de botas!

E que par de botas não são muitos desses espécimes!

Nós não pretendemos atacar os modernistas. Longe disso. O que nunca gostámos foi de admirar abortos.

Enquanto esta aula estiver a

meu cargo, farei todo o possível por indicar o melhor caminho aos meus estimados discipulos.

Comecemos já pelos seguintes ensinamentos:

Um mau desenhador nunca pode ser um bom escultor ao passo que um mau escultor pode, às vezes, ser um bom desenhador.

Para se esculpir é necessário adquirir uma boa porção de barro, com o qual se modelam as figuras.

É, sobretudo, com os polegares que o escultor modela, além da ferramenta apropriada, composta de objectos de vários tamanhos e feitios.

Quando as estátuas são de grande formato é necessário um estrado muito forte para aguentar o peso do barro, e também é necessário construir um andaime em pleno «atelier» para o escultor mais facilmente trabalhar.

Uma vez concluída a modelação, procede-se à formação em gesso.

Desta forma e desta fôrma, o trabalho fica reproduzido fielmente, só mudando, já se vê, de cor.

Em seguida, a cópia é colocada a certa distância, e o escultor procede, então, à sua transplantação para um bloco de pedra ou mármore que vai desbravando a golpes de escopro e martelo.

Uma vez concluída a tarefa, há que proceder ao transporte da obra para o local a que é destinada, operação muito penosa, como devem calcular, porque aquilo pesa como trezentos mil demónios!

Há umas esculturas que adquirem fama e há outras — as tais — que são um grande frete só de olhar para elas!

Portanto, meus talentosos alunos, sigam sempre este conselho:

— Mamarrachos, nem de barro à porta!

**JOSÉ PLINTO**

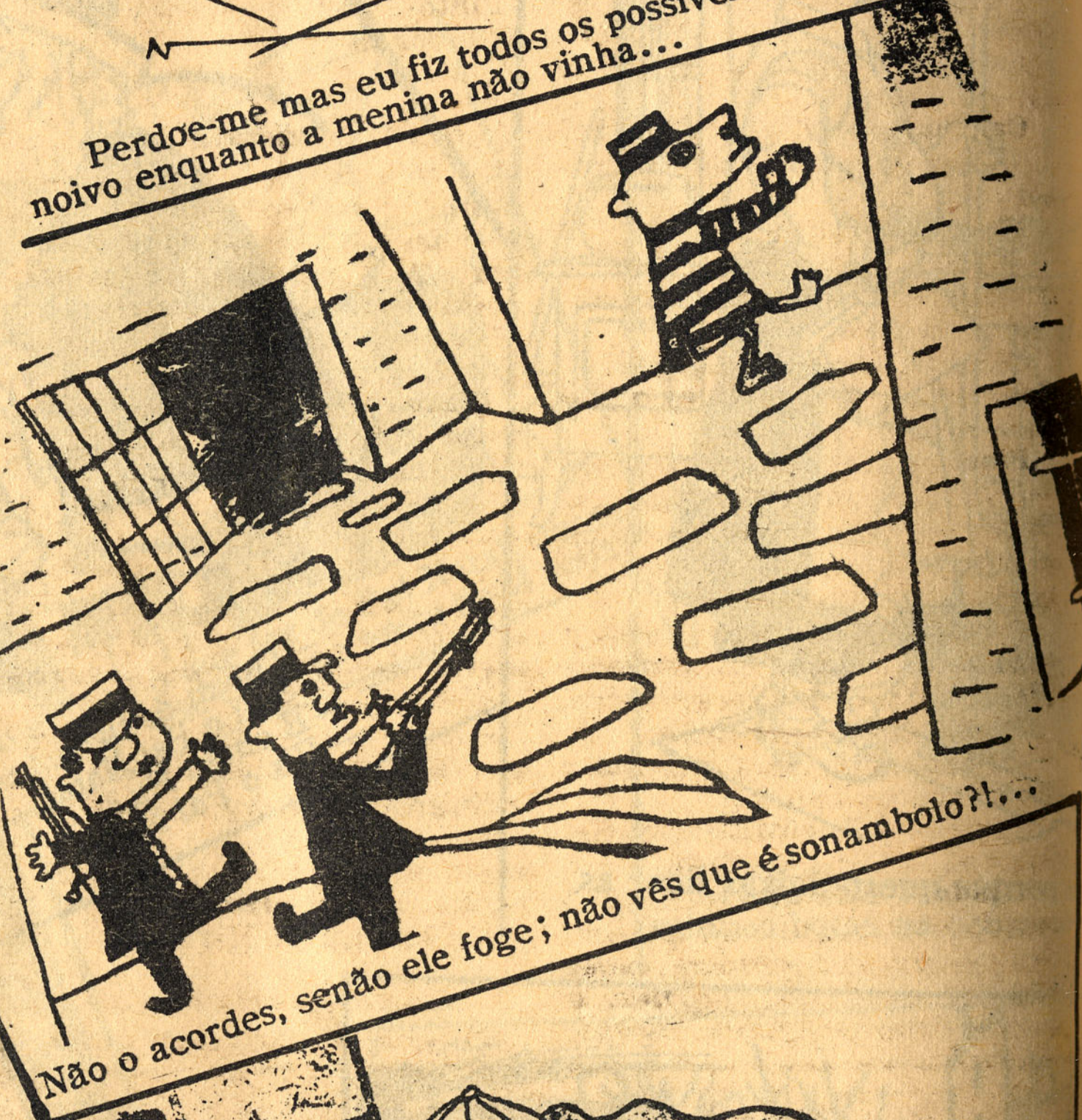
(Mestre da estatuária da Escola de Belas Artes de Forres-de-Algodres)

A seguir:

O serviço de farmácia e a farmácia de serviço.



Perdoe-me mas eu fiz todos os possíveis para reter o seu noivo enquanto a menina não vinha...



Não o acordes, senão ele foge; não vês que é sonambolo?!...



E' pá, tu não achas que o chefe nos deu morada errada?



Assine o **RISO**

A todos os leitores que pretendam a assinatura do nosso jornal, bastará enviar a quantia em selos ou vale de correio para a nossa administração.

8 meses (13 números).... 13\$00  
6 > (26 > ).... 26\$00

## Personagens

Josué Pinto — Pintor de letras.  
Ernesto Caiado — Pintor à brocha.  
Ermelinda Pintado — Pintor à pistola.  
Raimundo Quadros — Pintor de Telas.

## Cena

Um museu, durante uma exposição.

## I CENA

Pinto, Pintado e Caiado — Observam duas telas expostas. Quadros — Observa os possíveis compradores.

Caiado, (para Pinto e Pintado) — Vocês já viram esta borra-cheira?

Pinto — Estou vendo...

Pintado (ares entendidos) — E chamam a isto uma exposição de pintura!

Caiado (lendo a etiqueta) — Casa em Alfama, pintura a óleo vinte contos.

Pinto (apontando os números) — Eia! Que números tão mal feitos! Macacos me mordam, se não faço melhor a dormir... Aquilo nem um aprendiz!

Pintado — Por vinte contos, pintava o Bairro de Alfama todo... Com óleos de primeira.

Pinto — A óleos pesados?

Caiado — Pesado, é o preço, e a pintura uma sucata.

Pintado — Se o trabalho à pistola, não é mais perfeito.

Caiado — A brocha, ainda é, o grande instrumento do pintor! Por causa dos pintores como Você, e como este, (aponta o quadro) que só fazem sucata,

uns à pistola, outros a barrar bonecos, é que a nossa aula anda à brocha.

Pinto — É o sucateiro que pintou... terá fregueses?

Pintado — Sei lá! E' capaz de ter!

Caiado — Pintou só um boneco e fez isto... Se tivesse que pintar a frente do prédio não sei o que seria.

Quadros (intervindo) — Não gostam do quadro?

Caiado — Gostar? Duma obra destas?!...

Pintado — Isto só à pistola!... Pinto — Já viu aqueles números todos tortos?

Quadros — Parecem exaltados?

Caiado — Pudera! Aparece-nos um tipo, que diz que é pintor (eu não o conheço) e barra uma coisa destas! Pintura, é a que eu faço! Só 'a tempera, eu pinha aquilo muito mais asseado.

Pintado — Não puxou bem a tinta!...

Pinto — Não puxou a tinta? Puxa a tinta e a manta!... Vinte contos... e não puxa?...

Caiado — Isto desacredita a arte de «pintar»!...

Quadros (exaltado) — Arte?... Mas os senhores percebem alguma coisa de arte! Quem pintou este quadro fui eu! Isto é que é a verdadeira arte!

Pinto — Ah!... Foi o senhor que fez esta obra d'arte...

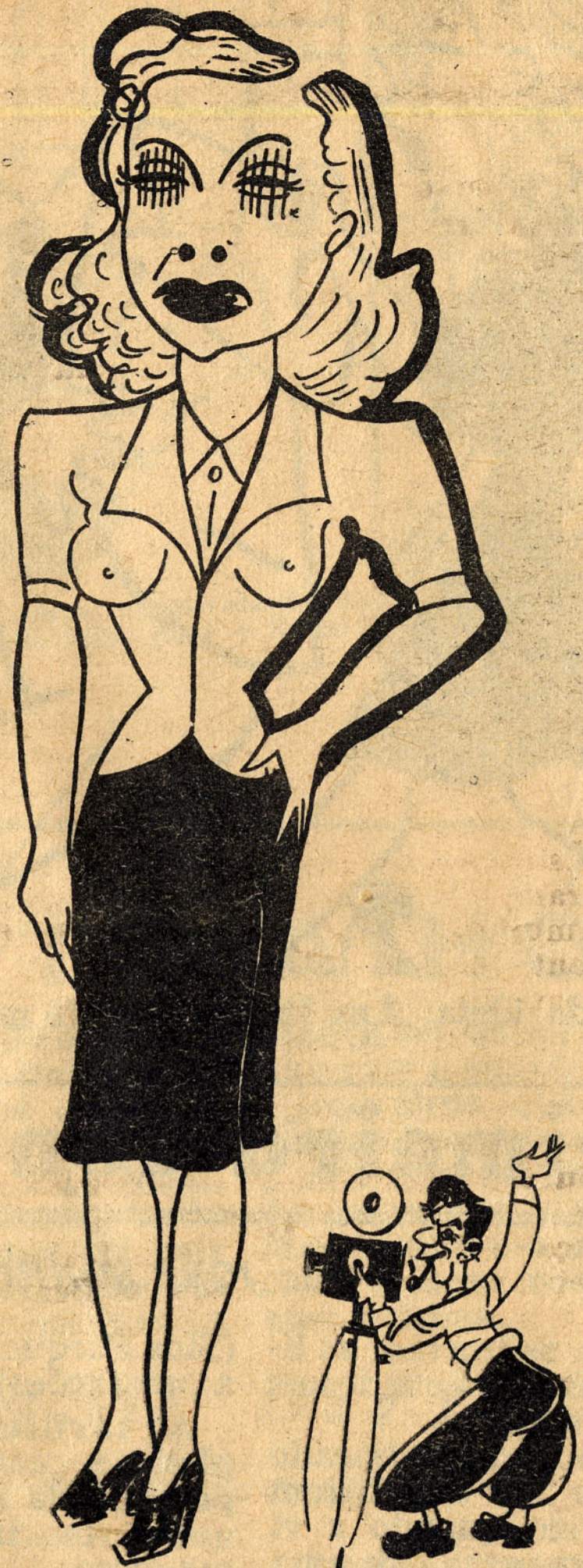
Caiado — Dar-te, dava-te, eu com o quadro na sabeça até fi sares à brocha!... E só entã verias, o que é pintar prédios... O Pano cai... Pintado...

Francisco Afonso «Eu»  
Fernando Fonseca «Aquele»



Coitadinho, é maluco; todas as vezes que festejamos com champanhe ele julga-se rolha...

# A Caricatura da Semana



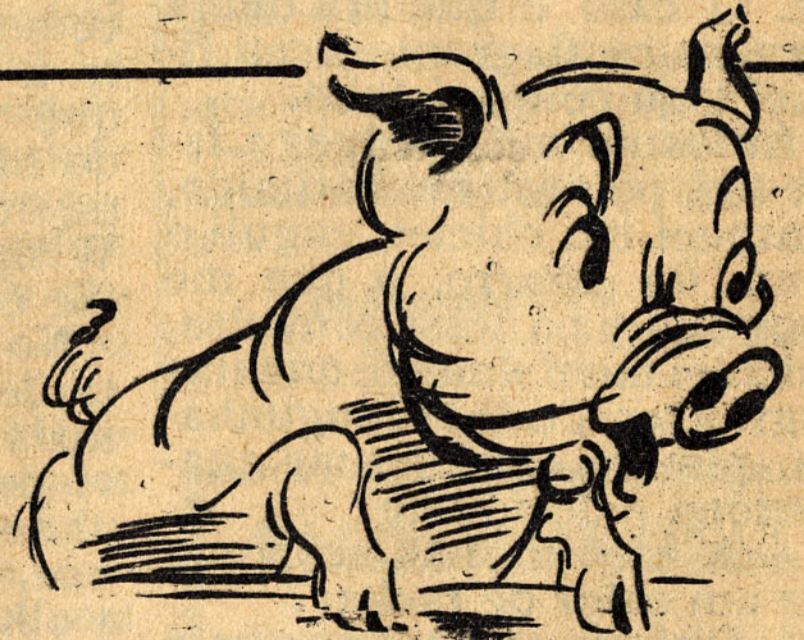
Norton

Madalena Sotto interpretada por Mário Norton.

Rigorese exclusivo de RISO MUNDIAL

## A morte do porco

Por MÁRIO NORTON



Viviam n'um chiqueiro, enlameados,  
Dois suínos  
Conheciam-se desde pequeninos  
E no meio d'aquela porcária  
A vida lhes sorria  
Era um casal de porcos bem cevados,  
Um dia o porco inesperadamente,  
Apareceu doente.  
Chega o veterinário  
E declara: — Isto é o diabo!  
Seu estado é precário!  
Este porco vai dar com a cêrca no rabo!  
Desesperada a porca  
Quase se enforca,  
E, fuçando na lama,  
Exclama:  
— Porca miséria! Raio de existência!  
Nunca mais nos veremos  
Neste velho chiqueiro!  
O' morte infame!  
E o porco consolando-a — Tem paciência  
P'ra quê tanto berreiro?  
Um destes dias nos encontraremos!  
Em qualquer mortadela de salame!...





Tens cada ideia, Ana Maria, que até me fazes perder a cabeça...

## A primeira conquista

Por JOSE SOARES REBELO

Nunca me seduziram as lides amorosas, mas um destes dias decidi-me;

Eu ia praticando um bocado de ginástica na coxia dum carro electrico quando a vi pela primeira vez. Era uma destas meninas sulfamidas com aparência de ingénuas, mas que logo no primeiro dia nos pedem um beijo à Tiro-ne. O caso é que era duma formusura flagrante e eu fiquei logo pelo beicinho.

Antes de me resolver a falar-lhe, pois sou muito tímido, masquei um chiclet, enguli o fumo do cigarro, o que me produziu uma tosse convulsa, calculei mentalmente quantas sogras teria tido o Gungunhan- na, pisei os calos a uma quar- antona e decidi-me!

— A menina não acha que faz um calor de rachar?

— Oh! se acho. O que vale é que estamos a chegar a Foz.

— Vai p'ra Praia? Pergun- tei eu.

— Tem muito interesse? Re- dargiu deitando-me um olhar pregeiro.

— Talves. Respondi numa evasiva.

Depois a conversa foi-se ge- neralizando e entretanto che- gamos à Avenida Brazil onde saímos.

Eu todo trémulo de como- ção ao lado dela. Ela toda corada, dizendo-me que nunca tinha namorado, nem sequer flirtada e que era empregada num estabelecimento do tio, etc., etc..

Fomos para a praia e em cima dum rochedo, contem- plando o panorama, fizemos um pacto de amor contínuo.

(Sim. Porque também há amor a prestações).

A' tardinha eu acompa- nhei-a a casa. Um lindíssimo palacete da Rua Costa Cabral que pertencia ao tio, segundo me disse.

Fiquei de voltar no dia se- guite e regressei a casa todo contente, dando murros no peito em sinal de regosijo e começando desenfreadamen- te a imitar o Tito Schipa, o que valeu uma valente sova do meu pai que estava inves- tigando com que matéria os Wisigodos lavavam a cara. (Se é que a lavavam).

No dia seguinte, quando à tarde tomava café no Rialto mais o meu amigo Fontoura, vi pela vidraça passar a mi- nha conquistada. Engasguei- me, entornei o café e fiquei a olhá-la.

— Conhecês aquela tipa? Perguntou o Fontoura.

— E' a minna namorada, Respondi eu todo orgulhoso e inchando o peito.

— Mas estás doido? E' a amante do Visconde de X.

Atirei com a mesa ao chão, saí do café em correria ati- rando com várias pessoas ao chão, paguei 33 multas por andar fora das passadeiras, fui atropelado por uma car- roça e acordei na Morgue quando ia ser autopsiado pelo médico, o qual morreu de susto, o que me valeu ser con- denado a pagar 70.000\$00 de indm- nização. Como não tinha dinheiro fui para a cadeia donde saí por ter conseguido enternecer o carcereiro con- tando-lhe o Frei Luís de Sousa.

# SOGRA RADIÓFILA

*Minha sogra está chalada,  
A telefonia escangalhada,  
E eu não sei que hei-de fazer,  
Tenho o juízo a arder;  
Chamem os bombeiros (Socorro!)  
Acudam se não eu morro.  
Ela sempre a martelar:  
— Manda a telefonia arranjar!  
E põe-se logo a choçar:  
— Quero o Curado ouvir,  
O «Continental» escutar,  
As garotas do dito a cantar,  
Quero os ecos da Ribeira,  
Ouvir o que não ha na praça,  
Quero ouvir o que se passa,  
No mundo a toda a hora,  
Quero fazer a ginástica.  
Que se ensina na Emissora,  
Pois já perdi a linhaça;  
Queres fazer de mim carcaça  
Mas eu sou uma senhora.  
Não te posso perdoar,  
Amarguras meu viver...  
Sem os concertos da Emissora,  
Como posso adormecer!?*

Mário Graça



Obrigada avozinha pela moca que me ofereceste, porque deu um resultadão. Agora já posso brincar sozinho com o comboio.



— Casando com a minha filha o senhor acha-se em condições de poder sustentar a casa?  
 — Evidentemente!  
 — E sabe quantos somos nós?  
 — III

**RISO MUNDIAL**  
**FOI SÓ HOJE POSTO À VENDA PORQUE...**

...é dia de Natal! E' uma razão — e razão unica porque saímos com um atraso de dois dias. RISO MUNDIAL quiz sair hoje, para depois dos estimadissimos leitores verem o que os sapatos deram (o que é contra o costume, porque só levam!) puderem rir a bandeiras desalinhasadas com a nossa eterna piada.  
 Boas festas e...  
 Saramago!



**O último combate de luta livre para a disputa do Cinturão de Vidro Sintético**

(Continuação da pág. 2)

lizado. A expectativa é geral e a geral está na expectativa. Salero entretém-se a arrancar os cabelinhos das pernas de Shelin. Mas... surpresa das surpresas! Shelin desprende-se e agarrando o espanhol pelo pescoço atira-o ao ar e apara-o com uma cabeçada. Vibra-lhe um pontapé nos queixos e faz-lhe duas festas no occipital. Salero até mete raiva! O público incita Shelin!  
 (ruído da multidão).  
 José Shelin estende o adversário no chão e dá-lhe uma dentada na orelha e começa por lhe arrancar as pernas, os braços e a cabeça que oferece gentilmente a umas senhoras que estão na primeira fila. O público levanta-se vibrante de entusiasmo!  
 (ruído do público).  
 O júri, que não tinha ganho para o susto, sobe ao ring e aclama o português vitoriosamente. Entretanto a carroça do matadouro leva os restos de Salero. E assim vamos terminar a reportagem que viemos fazer do grande encontro amigável entre o português José Shelin (vencedor) e o ex-espanhol Salero, literalmente cadáver. Boa noite e... Natal Feliz!



— É um sócio da nossa colectividade que pediu uma ligação telefónica para o Porto!



Como um campeão de tiro ao alvo se suicida.

**À ÚLTIMA HORA**

Por ter apanhado uma perua ...para o Natal, caiu por uma chaminé abaixo o senhor José Broa quando tentava imitar o Pai Natal. Tanto se dependurou, tanto se dependurou que foi cair lá em baixo no alguidar das filhoses. Recebeu fractura na

cabeça ao tentar uma graça com a sopeira. José Broa que conta 852 quedas por descuido é pai de 2 crianças de 38 e 45 anos. Ao regressar a casa a mulher castigou-o obrigando a estar a lavar roupa durante uma semana.

**UM CASO DIFÍCIL...**

(Continuação da página 3)

tragédia que o puzeram a suar frio.  
 Mas eis que a enfermeira sai quebrando a corrente dos terríficos pensamentos do infeliz. Pouco depois voltou a entrar carregada de panos e bacias.  
 O angustiado companheiro da doente tentou em vão penetrar no semblante fechado e carrancudo da façanhuda enfermeira, o desenrolar da cena que tão crucialmente o afligia. Mas nada conseguiu.  
 Aquela situação era desesperadora... e o homem sentia-se desfalecer quando o rosto congestionado da enfermeira apareceu no limiar da porta e com a sua voz inqualificável o reanimou.  
 — Não tem aí à mão uma chave de porcas?  
 — Uma chave de porcas... de porcas... eu... sim... arranjo já...  
 O silêncio voltou à sala. O misero, em ansias, deixou o coração do nosso homem ficou despedaçado ao contemplar a fisionomia do doutor. ra-se cair numa cadeira. O relógio parecia combinado para o impacientar, na sua calma e pachorrenta lentidão. Mais um quarto de hora.  
 Nisto, a cabeça do médico, com a testa perlada de suor e o rosto afogueado, apareceu por sua vez pela porta entreaberta.  
 — Não me podia arranjar depressa um alicate grande?...

Estava-se passando algo de anormal, não havia dúvidas. E ao entregar nas mãos do genicologista a tenaz grande da cozinha, suplicou com voz trémula e sumida:  
 — Diga-me doutor... diga... está a correr mal??!!...  
 — Está, com mil demónios... ainda não consegui abrir a mala!!...  
 (Adaptação do Dr. Pietro Donovani)

**RISO MUNDIAL**

Redacção e Administração: RUA DE SANTANA (A' LAPA), 15 — LISBOA \* Composição e impressão: EDIÇÕES «O MOSQUITO», LDT., Trav. de S. Pedro, 9 Telefone 25893 \* Distribuidores: AGÊNCIA ARGOS Rua de Assunção, 42, 2.º Telefone 20925 — LISBOA

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua de Santana (à Lapa), 15 — LISBOA

**VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA**

Director (Interino) e Proprietário: JERÓNIMO PINTEUS DE SOUSA  
 Editor (Interino): J. A. ROUSSADO PINTO  
 Red. principal: FERNANDO DOS SANTOS (SANTOS FERNANDO)

